

# FMI condiciona acordo à aprovação da CPMF

## Economista do Fundo diz que país deve elevar juro. Para Jeffrey Sachs, Fundo não vai salvar o Brasil

Maria Luiza Abbott

• BRASÍLIA e SÃO PAULO. O acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI) já está fechado, mas só deverá ser anunciado amanhã, caso o aumento da alíquota da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) para 0,38% seja aprovado pela comissão especial da Câmara que trata do tema. A votação está prevista para hoje, e o Governo espera que a CPMF passe sem dificuldades. Mas o novo programa do Brasil só será submetido à diretoria do FMI depois dos dois turnos de votação da CPMF no plenário.

### Governo conta com aprovação de CPMF no primeiro turno

No calendário do Governo, a contribuição deve ser aprovada em primeiro turno no dia 10 e em segundo turno no dia 17. Se essa programação for confirmada, a diretoria do Fundo deve se reunir no dia 23 e aprovar o novo acordo com o Brasil, que permitirá a liberação da segunda parcela de pouco mais de US\$ 9 bilhões do empréstimo de ajuda

externa. Para atender a esse cronograma, o Governo decidiu se empenhar em garantir os votos necessários à aprovação da CPMF na Câmara. A contribuição vai dar ao Governo receita de R\$ 16 bilhões por ano, o que torna sua aprovação indispensável para o esforço de ajuste fiscal acertado com o Fundo.

Segundo fonte que acompanha as negociações, o FMI aprendeu com a derrota da medida provisória que instituiu a cobrança de contribuição para a Previdência dos inativos. O primeiro acordo foi aprovado pela diretoria da instituição antes da implementação das medidas de ajuste porque a equipe econômica dava como certa a aprovação pelo Congresso. A derrota da medida dos inativos foi decisiva para a perda de credibilidade do país e, por isso, a diretoria do Fundo não quer aprovar o acordo antes que a CPMF esteja definitivamente aprovada pelo Câmara.

Ontem, o economista-chefe do FMI, Michael Mussa, disse à agência Reuters que o Brasil poderá ter de aumentar os juros se o real continuar se desvalorizando. Ainda assim, previu que, no final

deste ano, as taxas estariam em níveis inferiores aos registrados no fim de 98.

### Sachs diz que Brasil ainda não tem uma política realista

O economista americano Jeffrey Sachs, diretor-assistente para desenvolvimento internacional da Universidade de Harvard, fez ontem duras críticas ao diretor-geral do FMI, Michel Camdessus, e à equipe econômica brasileira. Segundo ele, o diretor do FMI não tem credibilidade internacional e deveria renunciar ao cargo. Com relação ao Brasil, Sachs afirmou que o Governo ainda não apresentou uma política realista para resolver os problemas econômicos do país.

— O FMI não vai salvar o Brasil e o país tem de tentar salvar a si mesmo — disse em entrevista à rádio Eldorado.

Segundo Sachs, a equipe econômica esperou demais para desvalorizar o real. Isso fez com que as reservas, que um ano atrás eram de US\$ 70 bilhões, “caíssem para US\$ 25 bilhões agora”. Os investidores estrangeiros, segundo Sachs, perderam a confiança no país exatamente por isso.

O economista destacou que, desde a desvalorização do real, o Governo ainda não apresentou uma estratégia nova. A mudança no câmbio, segundo Sachs, deveria ter sido gradual e começado há pelo menos dois anos:

— O grande erro do Brasil foi defender a moeda com alta taxa de juros e com desperdício das reservas brasileiras. Foram perdidos com isso US\$ 45 bilhões de reservas.

Para Sachs, o Governo brasileiro está mantendo a taxa de juro alta devido à política do FMI. Mas Sachs acredita que essa não é uma boa solução. Para ele, acordos como este — seja com o Brasil ou com outros países — “nunca dão certo”. O economista disse que a equipe econômica deveria reduzir o juro e fazer negociação direta com os bancos credores para obter novas linhas de crédito. ■

---

COLABOROU: Wagner Gomes,  
da Agência O GLOBO

---

• FIESP CRITICA JURO ALTO E CONDENA ELEVAÇÃO DO COMPULSÓRIO, página 20